

A todos aqueles que ...

... escutaram-me,
... compreenderam-me,
... apoiaram-me,
... ajudaram-me,
... partilharam algo comigo,
... acreditaram em mim.

Mas acima de tudo, aos que amo sem medida.

Obrigada

Resumo

O Homem sempre apreciou a beleza da juventude, menosprezando a velhice enquanto fase da vida onde, também pode existir bem-estar e felicidade. Trata-se de uma questão de natureza cultural, que influencia a forma como cada pessoa encara a velhice. Muitas pessoas sentem vergonha do seu processo de envelhecimento, procurando escondê-lo e assumindo atitudes discriminatórias relativas à idade.

Como consequência, temos uma grande percentagem de pessoas mais velhas que se sentem desprezadas, incompreendidas e maltratadas pela sociedade.

Acreditando que é através da rede social mais próxima das pessoas, que há a possibilidade de combater os sentimentos anteriormente mencionados, este projecto procura desenvolver propostas que respondam ao envelhecimento enquanto fenómeno relacional e emocional.

Os produtos apresentados surgem com base numa investigação pessoal, que poderá ser espelho da realidade de outras pessoas. Procuram estimular e manter vivas as relações intergeracionais em universos onde estas se encontram fragilizadas ou são mesmo inexistentes. Revelam a importância de manter ritmos e pontes de ligação como forma de unir gerações, através de momentos, sentimentos e emoções.

Palavras-chave

Relações intergeracionais, envelhecimento, capital social.

Abstract

Man has always appreciated the beauty of youth, diminishing old age as a stage of life where may also exist well-being and happiness. It is a question of cultural nature, that influences the way each person faces old age. Many people are ashamed of their own aging process, trying to hide it and adopting discriminatory attitudes regarding their age.

As a consequence, we have a large percentage of elderly people who feel despised, not understood and wrongly-treated by society.

Believing that it is through people's closest social network that is possible to fight the abovementioned feelings, this project seeks to develop ideas that respond to aging as a relational and emotional phenomenon.

The products presented arise from a personal research that may be a reflection of other people's reality. They seek to stimulate and keep the intergenerational relationships alive in universes where these are weak or non-existent. Revealing the importance of maintaining paces and connecting bridges as a way of joining generations through moments, feelings and emotions.

Keywords

Intergenerational relationships, aging, social capital.

Índice

Enquadramento

Objectivos	8
Envelhecimento	9
Envelhecimento da População	9
Auto-percepção do Envelhecimento	11
Envelhecimento Activo	11
Intergeracionalidade	13
Capital Social	14
Continuidade Emocional	15
Projectos de Referência	16

Descrição do Projecto

Metodologias	24
Contexto de Projecto	26
Reflexão sobre a minha família	26
Reflexão sobre a minha aldeia	29

Desenvolvimento do Projecto

Bolo da Amizade	36
Jóias de Família	42
Caixa de Roda	46
Resultados	52

Conclusões

Conclusões Finais	68
Desenvolvimentos Futuros	69

Referências Bibliográficas	72
Outras Referências	72
Bibliografia Consultada	73
Índice de Imagens	75

Enquadramento

Objectivos

(...) pouco se tem feito para que os novos modifiquem para melhor a sua concepção sobre os idosos. (Oliveira, 2010, p.28)

Este projecto procura estimular a manutenção dos relacionamentos humanos ao longo de todo o processo de envelhecimento, desenvolvendo produtos que criem continuidade emocional entre gerações. Relacionamentos que são essenciais a uma plena integração em sociedade por parte das pessoas idosas.

A manutenção de relacionamentos entre pessoas de várias gerações constrói-se a partir da partilha de experiências, da frequência de momentos de encontro, das memórias em comum, entre outras vivências que visam também manter o sentimento de proximidade.

Na sua essência, trata-se de fazer a pessoa sentir-se integrada numa rede de relacionamentos familiares e de amizade. O principal objectivo deste estudo é desenvolver projectos que despertem e mantenham vivos os relacionamentos entre pessoas de diferentes idades, quer estejamos a falar de familiares, amigos ou simplesmente vizinhos.

Neste projecto, iremos debruçar-nos essencialmente em questões sociais e psicológicas relativas às relações estabelecidas entre pessoas de diferentes idades. O contacto intergeracional beneficia não só o idoso mas também o jovem, que a partir deste contacto, poderá construir uma imagem do “ser idoso” mais clara e optimista.

Para tal será apresentado um conjunto de propostas que sirvam de ponto de partida para o desenvolvimento de relacionamentos espontâneos e genuínos. Os objectos apresentados dependem de referências e memórias pessoais, que variam de acordo com as pessoas que os utilizam.

Envelhecimento

Envelhecer é um processo natural, gradativo e contínuo, que inicia com o nascimento e finda com a morte.

Segundo Steven N. Austad (1997 como citado em Senellart 2011), o conceito de envelhecimento significa “a deterioração progressiva da quase totalidade das funções do organismo durante o tempo”.

A possibilidade de poder envelhecer de uma forma bem-sucedida depende da história de vida, da maneira como cada um entende esse processo e da fase da velhice.

Para ter uma visão global do processo de envelhecimento torna-se necessário compreender as mudanças que este provoca ao nível das experiências e percepções individuais. As transformações sentidas ao longo do envelhecimento variam de pessoa para pessoa, nomeadamente, no que diz respeito ao controlo sobre o próprio corpo, à reestruturação de relações sociais significativas, ao rumo da vida e à percepção da idade.

Embora não haja um momento concreto que defina uma pessoa como idosa, a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera como idosos, as pessoas que tiverem mais de 65 anos de idade, em países desenvolvidos. Momento em que estas deixam, normalmente, de trabalhar. Em relação aos países em desenvolvimento, a idade considerada para se ser idoso é a partir dos 60 anos.

Envelhecimento da População

O envelhecimento da população, principalmente no mundo ocidental, tem sido observado como sendo um fenómeno em constante evolução, levando a um crescimento da percentagem da população idosa. Contudo, em

pleno século XXI, esta população tem vindo a tornar-se uma “maioria sem maioria”.

(...) *uma simples constatação quantitativa: a quantidade de pessoas idosas estar continuamente a aumentar em números absolutos e relativos.* (Fernandes, 1997, p.xii)

Gillo Dorfles (1965) em *Novos Ritos, Novos Mitos* refere que este fenómeno deve-se às novas terapias e melhor nível de vida, que aumentam a longevidade e levam a uma desvalorização da velhice. Ana Fernandes (1997) renunciou-se sobre este tema afirmando que, o principal factor responsável pelo envelhecimento populacional é a diminuição da taxa de natalidade. É o efeito conjugado destes dois factores, o aumento da longevidade e a diminuição da natalidade, que contribui para a elevada percentagem de idosos relativamente ao total da população.

Por outro lado, a sociedade, cada vez mais, desvaloriza o papel do idoso enquanto membro indispensável, experiente, capaz e potencialmente activo. A imagem do idoso é, muitas vezes, associada à incapacidade, solidão, inactividade, tristeza, doença, perda e aproximação do fim da vida.

No fundo, é uma imagem negativa que não passa de uma visão estereotipada do envelhecimento, partilhada pela sociedade, pela família e até pela própria pessoa idosa. Quando isto acontece, se não é o idoso a fechar-se sobre si mesmo e a abandonar os seus sonhos e projectos, é a sociedade ou a família que se encarrega de o fazer.

Barros de Oliveira (2010) em *Psicologia do Envelhecimento e do Idoso* afirma mesmo, que a partir dos valores actuais da sociedade em relação aos idosos, podem-se perspectivar os valores do amanhã. Como tal, a continuidade desta corrente de pensamento, que menospreza as pessoas idosas, poderá traduzir-se num futuro com graves consequências para as gerações vindouras.

Abordar o tema do envelhecimento não levanta apenas questões sociais mas também financeiras, biológicas, psicológicas e políticas.

Auto-percepção do Envelhecimento

Tanto a percepção como a auto-percepção do envelhecimento são moldadas por aspectos sociais e culturais que conseqüentemente interferem na forma como a pessoa se vai integrar na sociedade. Por um lado, há quem tenha elevados níveis de auto-percepção positiva do envelhecimento, indicadores de sucesso, de resiliência e de adaptação. Percepcionam este processo como uma acumulação de experiências, de novas oportunidades de aprender, de novos relacionamentos, de realizações pessoais e de conquista de mais qualidade de vida.

Por outro, a percepção negativa do envelhecimento leva a que a pessoa acredite que uma fase da vida mais avançada é sinónimo de perda de liberdade e de independência, doenças, solidão, exclusão, inactividade e morte. Esta percepção do envelhecimento leva a pessoa a encarar a realidade como inevitavelmente negativa resultando na desvalorização ou exclusão dos idosos da comunidade.

Este tipo de estereótipos negativos pode resultar em idadismo, termo criado por Butler (1969 como citado em Magalhães, 2009, p.243) para denominar um processo preconceituoso e discriminatório em relação aos idosos, que compromete a sua vida e a sua interacção com os outros.

Envelhecimento Activo

De acordo com a OMS, o envelhecimento activo é um processo de optimização de oportunidades para lutar pela vida, pela participação activa e pela segurança, no intuito de aumentar a qualidade de vida durante o processo natural de envelhecer. Segundo Paúl (2007) este conceito deverá ter em conta o contexto da cultura e do género em causa.

No envelhecimento activo há três áreas a ter em consideração: a biológica, a social e a psicológica. O envelhecimento biológico resulta da crescente vulnerabilidade e do aumento de probabilidade de morrer, a senescência. Trata-se de um processo que pode ser adiado mas é inevitável. Se a pessoa tiver cuidados adequados e agir sempre que detectar os sinais que o corpo vai dando, poderá esperar por ter uma velhice com menos problemas físicos.

O envelhecimento social é referente à transformação do papel social da pessoa. É marcado por momentos de transição, onde existem mudanças na relação que a pessoa tem com a autonomia. Como por exemplo, na passagem à reforma, na contracção de doenças, na perda do cônjuge ou na entrada para um lar.

Por último, o envelhecimento psicológico é definido pela auto-regulação da pessoa, interferindo na forma como esta toma decisões e opções. Este tipo de envelhecimento diminui a capacidade da pessoa de se envolver em actividades. Manifesta-se pela perda de confiança e paciência.

O envelhecimento activo visa a manutenção da independência e da autonomia, tanto ao nível das actividades básicas como ao nível das actividades instrumentais da vida diária, como aceder a um computador ou ir às compras. Tende também a valorizar as competências e o aumento da qualidade de vida e da saúde.

A visão transmitida pela ideia de “envelhecimento activo” implica uma atitude pessoal optimista perante a vida. Trata-se de uma visão pró-activa que reconhece a pessoa como um elemento capaz e actuante no processo político e na mudança positiva da sociedade. Neste sentido, o conceito de “envelhecimento activo” exige uma abordagem multidimensional e constitui um desafio para toda a sociedade. Implica a responsabilização e a participação de todas as pessoas, não só no combate à exclusão social e à discriminação como também na promoção da igualdade entre géneros e da solidariedade intergeracional.

Ao longo de vários anos, a principal preocupação da comunidade

científica foi a longevidade. No entanto, cada vez mais a qualidade de vida de um idoso é um factor importante. Factor que não se refere exclusivamente à ausência de doenças mas também ao bem-estar psicológico.

Intergeracionalidade

A palavra intergeracionalidade é composta por aglutinação e como tal pode ser analisada através da sua decomposição, o termo inter e o termo geracional. Enquanto o termo inter indica a ideia de “entre” o termo geracional exprime a ideia de “relativo a uma geração” (Dicionário de Língua Portuguesa, 2012). Ou seja, esta palavra remete-nos para a ideia de relação entre gerações.

Contudo, é preciso ter a noção que as relações intergeracionais não se referem unicamente às relações entre idosos e crianças, erro comum na forma como este termo é utilizado. Existem na sociedade relações intergeracionais entre gerações de faixas etárias mais próximas.

Peacock *et al.* (1984 como citado em Nunes, 2009, p.53) definiram as relações intergeracionais como interacções planeadas, entre pessoas com diferentes idades e em fases de vida e contextos diferentes. As vantagens apontadas deste tipo de relações são, nomeadamente, a comunicação entre os intervenientes, a partilha de ideias, de sentimentos e a cooperação.

Ao longo dos anos diversos autores têm vindo a atribuir diferentes significados a este conceito, no intuito de o clarificar.

Kaplan *et tal.* (2002 como citado em Nunes, 2009, p.53) definiram a programação intergeracional como sendo “veículos sociais que criam propósito e crescente troca de recursos e aprendizagens entre gerações mais velhas e mais novas”. Segundo Nunes (2009), o principal objectivo é a promoção do contacto significativo entre pessoas de uma geração mais

velha e de uma geração mais nova. A importância deste tipo de programas reflecte-se no seu contributo para o desenvolvimento social, tendo como um dos principais benefícios a quebra de preconceitos entre gerações. Naturalmente que também se verificam benefícios psicossociais, culturais e de solidariedade.

Capital Social

O conceito de capital social não é novo, tendo sido alvo de estudo desde o século XX. Genericamente, o termo capital social refere-se às normas e redes sociais existentes numa sociedade. Este conceito pode ser dividido em duas dimensões complementares. A dimensão que diz respeito ao que as pessoas pensam (valores, crenças, atitudes, sentimentos e normas). É a dimensão que se foca no que as pessoas fazem, como por exemplo, o empenhamento cívico e o desenvolvimento de redes sociais (aspectos da organização social externa).

O capital social pode ser encarado como uma medida de coesão social. As pessoas dispõem-se a cooperar mais rapidamente quando, existe comunhão entre os valores de justiça, confiança, solidariedade, troca recíproca, empenhamento cívico com a capacidade institucional.

Bourdieu *et al.* (1985 como citado em Portes, 2000, p.138) em *Capital Social: Origem e Aplicações na Sociedade Contemporânea*, compara capital social com capital económico e capital humano. Contudo, enquanto o capital económico se encontra nas contas bancárias e o capital humano reside na maneira como as pessoas pensam, o capital social existe no sistema das relações pessoais.

O conceito de capital social pode exprimir-se de diferentes formas de acordo com os diferentes tipos de ligações estabelecidas entre as pessoas: o capital social de vínculos trata dos relacionamentos entre pessoas que

partilham algo semelhante entre si, como por exemplo, a mesma condição socioeconómica; o capital social de aproximação refere-se à ligação estabelecida pela pessoa, ou pela comunidade, às oportunidades que se encontram para além dos seus relacionamentos pessoais; e o capital social de ligação refere-se aos recursos necessários para o desenvolvimento social e económico.

Questões como o desemprego, os mercados não fiscalizados, entre outras, têm contribuído para uma progressiva destruição do capital social nas sociedades industrializadas, motivo pelo qual se revela importante investir em iniciativas que promovam e estimulem a sua preservação e desenvolvimento.

Continuidade Emocional

Emoção é uma experiência referente ao próprio sujeito enquanto ser consciente. Esta está relacionada com a personalidade, temperamento e motivação de cada pessoa, o que significa que perante a mesma situação, pessoas diferentes podem sentir emoções diferentes. Tudo depende da interpretação que o sujeito realiza perante os acontecimentos.

Não existe uma teoria sobre as emoções que seja universal. Segundo Carvalho (2011) a emoção é uma reacção complexa a estímulos. As emoções podem manifestar-se através de comportamentos, sentimentos, expressões faciais, reacções fisiológicas, cognitivas ou afectivas.

As emoções podem ser positivas ou negativas, mais ou menos fugazes e têm um início e um fim. O conceito de continuidade emocional surge no sentido de tornar as emoções positivas mais presentes na vida das pessoas, ou seja, de procurar que as emoções tenham uma duração contínua contrariando a instabilidade emocional.

Projectos de Referência

Projecto Aconchego

O Projecto Aconchego “casa para quem estuda, companhia para quem precisa” surgiu de uma iniciativa da Câmara Municipal do Porto em parceria com a Fundação Porto Social e a Federação Académica do Porto, tendo estado no terreno desde 2004. Este projecto visa promover o alojamento de estudantes do Ensino Superior, ao longo de um ano lectivo, em casas de seniores moradores na baixa da cidade do Porto.

Pretende-se com este projecto que o idoso disponibilize um quarto ao estudante do Ensino Superior, não residente no Porto, a um custo reduzido. O estudante fará o acompanhamento nocturno, em ligação com o Serviço de Emergência de Apoio Domiciliário, para qualquer situação que prejudique a qualidade de vida do idoso.

O Projecto Aconchego tem como objectivos, o combate à solidão, a revitalização da baixa da cidade do Porto, a promoção da intergeracionalidade entre idosos e jovens, o apoio aos idosos na promoção do seu bem-estar e a colaboração no acesso à prestação de cuidados de saúde.

A adesão a este programa tem como principais vantagens a troca de experiências e conhecimentos entre gerações e a partilha das despesas de alojamento.

Naturalmente, as maiores dificuldades que este projecto acarreta resultam da fraca adesão dos jovens estudantes e da dificuldade em compatibilizar os perfis entre jovens e idosos. Inicialmente são feitas selecções prévias de idosos que vivem sozinhos, ou só com o cônjuge, e dos estudantes que se candidataram. Posteriormente são feitas as duplas.

O programa já recebeu o prémio “This is European Social Innovation”.

Projecto TIO – Terceira Idade Online



Imagem 1 - *Projecto TIO*, 1999

O Projecto TIO foi criado pela empresa BYWEB em 1999, no âmbito do Ano Internacional das Pessoas Idosas. Esta empresa também desenvolveu os Projectos Net@vó e VIVER que exploram a intergeracionalidade como forma de desenvolver a aprendizagem e a solidariedade entre gerações.

Este projecto é gerido, actualmente, pela Associação VIDA – Valorização Intergeracional e Desenvolvimento Activo e tem como principais objectivos, a promoção da qualidade de vida e saúde dos idosos, a fomentação do conhecimento e das relações entre gerações e o reforço da participação activa dos idosos na sociedade de informação.

Tem como base uma plataforma online que permite a criação de uma comunidade virtual de cidadãos seniores, seus familiares ou cuidadores, onde se pode colocar dúvidas, divulgar trabalhos, trocar experiências e consultar informações ou notícias.

A participação neste projecto é um processo bastante simples, basta aceder ao site <http://projectotio.net/> que permite à pessoa inscrever-se para receber informação por e-mail, ter acesso a toda a informação divulgada, aceder a fóruns, a uma biblioteca e ter conhecimento de trabalhos, conferências e eventos relacionados com o tema.

DANKLHAMPEL

DANKLHAMPEL foi fundada na Áustria em 2006 pela Dra. Kathrina Dankl e por Lisa Elena Hampel, com o objectivo de desenvolver projectos orientados para a metodologia de Design Inclusivo. Como resultado desta equipa surgiram diversos projectos, de onde se destacam, “How much less is more?” e “DANKLHAMPELs Sundaycake”.

Em 2009 com a colaboração de Julia Landsiedl, a DANKLHAMPEL traz a público na Semana do Design em Viena uma exposição intitulada “How much less is more?” que visava mostrar um conjunto de objectos de inestimável valor para os seus detentores.

A realização deste projeto teve como base três questões essenciais:

*O que acontece quando você se move num apartamento de 30m² padronizado para os idosos? O que é que você leva consigo, o que é que deixa para trás? Quais são os objectos mais importantes para si?*¹

Esta última questão foi colocada a 27 pessoas de diferentes faixas etárias que mostraram os seus objectos indispensáveis ou valiosos que escolheriam para levar consigo para uma residência de idosos, caso isso acontecesse.

¹ *What happens when you move into a standardized 30m² apartment for senior citizens? What do you take with you, what do you leave behind? Which objects are most important to you?* DANKLHAMPEL in site <http://www.danklhampel.com/selected-projects/exhibition-design/how-much-less-is-more/> [16 de Janeiro de 2014]. Tradução livre



Imagem 2 - DANKLHAMPEL, *How much less is more?*, 2009

Em 2010 surge o projecto DANKLHAMPELs Sundaycake com a cooperação do MAK de Viena e de Metallwerkstatt Seidl. É um projecto que visa respeitar e conciliar as diferentes preferências das pessoas em dias festivos, através de bolos caseiros que respondam a diferentes preferências de sabores ou texturas.

O projecto é construído a partir de uma forma para bolo dividida em várias zonas de diferentes dimensões. Cada zona é preenchida com massa e ingredientes da preferência de cada pessoa. No final, cada um poderá desfrutar do seu pedaço de bolo favorito.



Imagem 3 - DANKLHAMPELs *Sundaycake*, 2009

Felicidário

Em 2013, a Associação Encontrar+se e a Lintas apresentaram o projecto Felicidadário com o intuito de promover o envelhecimento activo e o encontro de gerações através de ilustrações. Trata-se de um calendário online que propõe, ao longo de um ano, 365 novas ideias de felicidade para maiores de 65 anos.

O Felicidadário é também considerado como sendo um dicionário de definições práticas de felicidade que sugere 365 pretextos para sorrir fazendo algo simples, independentemente da idade das pessoas (maiores ou menores de 65 anos).

Com ilustrações de Afonso Cruz, André Letria e Ricardo Henriques, Aka Corleone, André da Loba, Carolina Celas, Bernardo Carvalho, Irmão Lucia, Júlio Dolbeth, Tiago Albuquerque, Madalena Matoso, Maria Imaginário e Yara Kono, o Felicidadário tem inspirado pessoas de todo o mundo.



Imagem 4 - Felicidadário, 2013

Kinfolk - “Neighbors: A Blessed Burden”



Imagem 5 - *Neighbors: A Blessed Burden*, 2013

Nikaela Marie Peters (2013) apresenta através do texto “Neighbors: A Blessed Burden” uma análise acerca da complexidade existente nas relações entre vizinhos. Segundo a autora, os vizinhos são pessoas que surgem aleatoriamente nas nossas vidas. Não são amigos que podemos escolher ou a família na qual nascemos.

Naturalmente existe logo à partida uma tensão entre vizinhos. No fundo, eles invadem a nossa vida. Testemunham os nossos hábitos e comportamentos construindo uma imagem acerca de nós que não conseguimos controlar.

Nas relações de vizinhança existe uma exposição diferente daquela que existe na internet, meio através do qual limitamos a informação sobre nós, facultando às outras pessoas unicamente o que queremos dar a conhecer

sobre a nossa identidade.

Com os vizinhos, a nossa identidade não é fixa no tempo e no espaço. É composta por relações, contextos, histórias e casas, o que só é possível fisicamente. Os vizinhos são importantes na medida em que também fazem parte do nosso percurso de vida, nos ensinam e nos mantêm humanos.

Negociar a tensão entre os dois é um fardo, mas é um fardo que nos torna humanos. Nikaela Marie Peters (9ª Edição Kinfolk Magazine)²

Este artigo de Peters foi editado na revista Kinfolk. Um projecto editorial criado em 2008 por um grupo de amigos de Nova Iorque, Los Angeles, Tóquio e Japão. A Kinfolk Studios desenvolveu vários projectos nas áreas do design e publicidade. O intuito deste grupo é criar produtos artesanais únicos que não se encontram no mercado e extraordinárias experiências sociais. Deste modo surgiu a Kinfolk Magazine, uma revista para os jovens amantes da boa comida e interessados em encontros casuais.

No fundo, Kinfolk trata-se de um possível modelo para um estilo de vida casual, equilibrado, aventureiro e intencional. A Kinfolk propõe momentos de partilha e relacionamentos a partir de ambientes simples.



Imagem 6 - Issue 2, 2013

² *Negotiating the tension between the two is a burden, but it's a burden that makes us human.* Kinfolk Magazine in site <http://www.kinfolk.com/neighbors-a-blessed-burden/> [13 de Novembro de 2013]. Tradução livre

Descrição do Projecto

Metodologias

O desenvolvimento deste projecto teve como ponto de partida a análise das minhas experiências e recordações familiares e comunitárias, dado que estas revelaram ser ricas e próximas de uma realidade que ainda mantém vivo o contacto intergeracional.

Como método de trabalho, utilizou-se uma ferramenta diária de exploração da realidade: a observação. Esta permitiu apurar novos factos clarificadores sobre os meus relacionamentos familiares e comunitários.

A análise das relações intergeracionais partiu não só da observação directa como também das minhas recordações, fotografias e vídeos familiares.

Dado ao volume de informação e à necessidade de encontrar algo que se revelasse como ponto de partida para o desenvolvimento do projecto, tornou-se imprescindível a elaboração de esquemas, infografias e gráficos simples para conseguir obter uma leitura mais clara e precisa dos dados.

Todo este processo de compreensão acerca das dinâmicas, valores, hábitos ainda presentes e memórias de práticas antigas, demonstrou-se fundamental para a geração de ideias.



Contexto de projecto

A implementação deste projecto destina-se a locais onde o capital social de uma comunidade esteja a tornar-se cada vez mais débil e onde o papel do idoso na família esteja a ser desvalorizado.

Os projectos desenvolvidos partiram da análise das relações intergeracionais existentes na minha família que reside na aldeia da Moita da Roda, comunidade rica em capital social onde são comuns os momentos de partilha familiar e uma integração positiva dos idosos.

Reflexão sobre a minha família

A minha família até à 3ª geração é composta actualmente por 20 pessoas, dado que, já faleceram 2 pessoas (avó paterna e primo do lado materno). Esta análise recai essencialmente sobre a família do lado materno dada à riqueza das relações entre pessoas de diferentes idades. Embora faça pequenas observações do lado paterno. O meu avô paterno é uma pessoa activa e socialmente integrada, que tenta manter contacto com as famílias nucleares (família do meu pai e família do meu tio).

Trata-se de uma família relativamente jovem. Considerada como sendo uma família tradicional pois, todos os filhos dos meus avós estão unidos pelo matrimónio.

É uma família, na maioria, rural que se divide por duas aldeias pertencentes à mesma freguesia. O único elemento da família que vive distante, à cerca de um ano, é a minha prima do lado materno que emigrou para Londres à procura de um emprego na sua área de formação.



Imagem 7 - Família materna (1995). Nasceram mais 5 crianças após o casamento do meu tio.

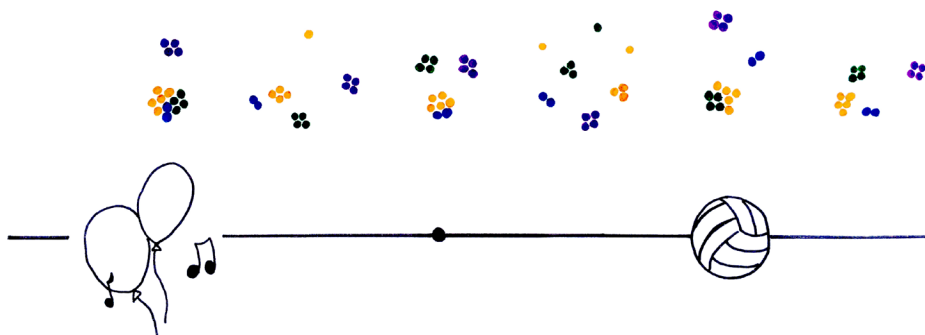


Imagem 8 - Representação gráfica dos encontros familiares, em que se procurou registar a frequência e número de pessoas em cada encontro. Cada ponto representa uma pessoa e cada conjunto de pontos um encontro familiar.

A minha família do lado materno, incluindo a minha família nuclear, encontra-se com frequência.

Facto que não se deve exclusivamente à proximidade física entre as famílias nucleares mas também, ao gosto que as pessoas têm em unir a família em momentos de festa, de convívio ou até mesmo de trabalho. Incentivado pelos meus avós, que quase todos os domingos reúnem a família em sua casa, à volta da mesa, para almoçar.



Imagem 9 - Reunião da família num almoço de domingo (meus avós - azul; minha família nuclear - laranja; família do meu tio Manuel - verde; família do meu tio Amílcar - roxo)

Este fenómeno cria um determinado ritmo de encontro que é vivido como já sendo um hábito. Hábito que poderia ser sentido como aborrecido e forçado. No entanto, isso não acontece porque, pelo menos à mesa, há a oportunidade para conviver, dialogar e partilhar o que se quiser. Outra característica que se verifica é que, não há um sentimento de obrigação em aceitar sempre o convite ou de permanecer o dia todo em casa dos meus avós. Talvez seja esse o motivo pelo qual a família continua a reunir-se quase todos os domingos há mais de 20 anos.

Por vezes, as pessoas evitam encontros familiares porque os temas de conversa são repetitivos ou determinados elementos insistem em falar de assuntos desconfortáveis para outros. É certo que, também na minha família se toque em algum assunto menos agradável ou haja um tema que se repita, como por exemplo do trabalho. No entanto, não se torna rotineiro, porque num momento em que estão reunidas várias gerações, as opiniões e os assuntos de interesse nem sempre são os mesmos. Os meus avós costumam participar em todo o tipo de conversas e não se inibem perante os jovens de dar a sua opinião, independentemente de ser ou não favorável.

Uma particularidade destes encontros semanais é a divisão de tarefas. Tendo em conta que minha avó faz questão de assumir sempre a responsabilidade de fazer o almoço, mesmo tendo ajuda de outras pessoas, no final da refeição tudo se organiza de forma a fazer uma divisão justa das tarefas que faltam realizar para deixar a casa limpa e arrumada.

Presenciando-se um sentimento de cooperação e de agradecimento relativo ao momento que foi proporcionado. Esta união de esforços resulta, não só, no momento de cozinhar e de arrumar a cozinha aos domingos, mas também, em datas festivas onde são necessários mais preparativos, em épocas do ano propícias a trabalhos agrícolas ou em momentos ocasionais em que alguém precisa de ajuda.

No meio rural ainda é comum ter um jardim, animais de criação e cultivar a terra. Embora cada vez mais as pessoas o façam só em pequena escala para consumo próprio. Assim sendo, em determinadas épocas do ano poderá haver abundância de vegetais, carnes, ovos, rebentos de plantas ou sementes. Na minha família, tanto do lado materno como do lado paterno, realizam-se trocas espontâneas desses mesmos produtos. Essas trocas não são obrigatórias e nem implicam que sejam efectuadas no próprio momento. No fundo, são gestos de partilha que transmitem com clareza que pensamos nos outros, tal como se verifica nas refeições e na execução de tarefas anteriormente mencionadas.

Os estímulos para manter o contacto não são exclusivamente provenientes do seio familiar. Estes surgem igualmente do exterior através da comunidade em que a família, principalmente do lado materno, está integrada.

Reflexão sobre a minha aldeia

Moita da Roda é uma aldeia da Freguesia do Souto da Carpalhosa, distrito de Leiria. Com mais de 600 habitantes, a Moita da Roda é o maior centro populacional da freguesia. A população tem crescido ao longo das últimas décadas, no entanto, já se começa a notar o declínio da taxa de natalidade e aumento do número de idosos. Facto ainda mais acentuado pela emigração da população activa.

É uma aldeia que conta com algumas estruturas destinadas ao bem

comum nomeadamente, uma igreja, um centro de catequese, um salão da igreja, um jardim-de-infância, uma escola de ensino básico, um campo de futebol e instalações da Associação Desportiva e Cultural da Moita da Roda, instalações da Associação de Caça e Pesca da Freguesia e um parque de merendas na floresta Charneca do Nicho.

Para além destas estruturas, também estão presentes empresas e estabelecimentos donde se destacam a existência de dois cafés por serem os principais locais de convívio intergeracional.

A população caracteriza-se por ser na maioria católica, relativamente receptiva a novas ideias e bastante participativa na vida da aldeia. A maioria das pessoas tem orgulho em ser da aldeia, é acolhedora e participa com espírito voluntário.

Pode-se realçar que a população é acolhedora, quando se trata de receber as pessoas em festas ou outras actividades, mas se alguém começar a viver na aldeia a sua integração não é imediata.

Tendo em conta a existência de infra-estruturas, de voluntários para fazer parte dos grupos de trabalho e da energia da população, ao longo do ano são realizados diversos eventos, festas e actividades. É de salientar que estas são propostas pela Junta de Freguesia, pelo Pároco, pelas associações ou pela própria comunidade.

Existem algumas características interessantes destes momentos de encontro que se passam a destacar. É estimulado o espírito de grupo através de torneios desportivos, da apresentação de peças de teatro, ou de produtos, como por exemplo o metro de cerveja.

O contacto intergeracional verifica-se na maior parte destes momentos. No entanto, salienta-se o facto de que aqueles em que existe a oportunidade de comer são os que atraem mais população idosa. Um factor fundamental em muitos destes momentos de convívio é a importância atribuída à reunião da família desde os netos aos avós ou até mesmo aos bisavós.



Imagem 10 - Metro de cerveja que consiste num conjunto de 10 cervejas, habitualmente vendido durante as festas, com o objectivo de ser partilhado



Imagem 11 - Almoço convívio de Natal , 2011

De forma a manter o convívio entre pessoas de diferentes idades, a população, que faz parte da organização dos eventos, demonstra normalmente ter preocupação em moldar esses momentos para que se tornem atractivos para todos. Por exemplo: aquilo a que chamamos de castanhada, conhecido por magusto, tem vindo a adaptar-se às novas exigências. Actualmente durante a realização deste momento tradicional, para além de castanhas e água-pé, marcam igualmente presença, as sopas, o café, os doces, os jogos tradicionais, o karaoke e o Dj.



Imagem 12 - Magusto, 2012

Esta vontade de adaptação dos eventos festivos, também tem vindo a verificar-se ao nível do comportamento. Um grupo considerável de pessoas com idades superiores a 40 anos, na maioria do sexo feminino, têm vindo nos últimos anos a integrar-se nas festas da mesma forma que os mais jovens. Aprendem as mesmas danças, cantam, bebem shots e permanecem no local até tudo terminar, o que não acontecia à 10 anos atrás.



Imagem 13 - Festas Moita da Roda, 2011

Estes momentos são propostos por grupos de pessoas que se disponibilizam voluntariamente, durante um período de tempo, para assumir determinados papéis na comunidade. Dado ao espírito de entreaajuda vivido, estes grupos por norma podem contar com o voluntariado espontâneo, principalmente em dias festivos que são mais exigentes. No entanto, dada à emigração, às dificuldades financeiras que as famílias atravessam e à falta de esperança por um futuro melhor, as pessoas têm vindo a perder aos poucos o interesse em trabalhar pela comunidade.

A concentração das habitações na aldeia implica obrigatoriamente ter vizinhos e como tal, estes normalmente conhecem as rotinas uns dos outros, partilham opiniões e experiências, independentemente de serem boas ou más. Muitos chegam a partilhar produtos entre si quer sejam ou não de família, um exemplo disso é caso do bolo da amizade.

Moita da Roda, como objecto de estudo, tornou-se fundamental para

compreender a importância do capital social numa comunidade.

Esta análise, de um universo que me é próximo e pessoal, fez-me pensar acerca do verdadeiro motivo pelo qual sentia insatisfação relativamente à forma como a sociedade trata as pessoas mais velhas. A resposta foi simples de encontrar, compreendi que estava rodeada de relações intergeracionais bem sucedidas, que amava muito as pessoas mais velhas da minha família e que me assustava a ideia delas serem tratadas injustamente pela sociedade.

Com base na análise do meu contexto familiar e comunitário, foram desenvolvidos três projectos que acentuam a dimensão de partilha e de troca.

Desenvolvimento do Projecto

Bolo da Amizade

O desenvolvimento deste produto partiu da análise a um bolo, também chamado por Bolo da Amizade, que marcou presença na aldeia da Moita da Roda.

O Bolo da Amizade, também conhecido por Bolo da União, surgiu e manteve-se na minha aldeia, segundo algumas testemunhas, entre as décadas de 80 e 90. Apareceu sem dar a conhecer a sua origem e assim permaneceu.

Uma taça com um pouco de massa de bolo e um papel escrito à mão, com aspecto antigo, incentivava as pessoas a adicionarem a essa massa novos ingredientes, de forma que, a corrente pudesse continuar. Ou seja, quando uma casa recebia esta taça, a pessoa que fizesse o bolo tinha de adicionar à massa já existente açúcar, farinha, ovos e maçã, informação escrita no papel. A massa aumentava de volume e assim já era possível dividi-la. Dividir a massa significava que uma das porções destinava-se a ser cozida e a outra, mais pequena, seria colocada novamente na mesma taça para ser partilhada com um amigo, familiar ou simplesmente vizinho. Deste modo, estava assegurada a continuidade da corrente.

O pedaço de massa era o fermento biológico que precisava de ser alimentado para que não “morresse”, tal como as relações humanas que precisam de ser alimentadas para continuarem a manter-se vivas.

Aparentemente, o principal objectivo deste bolo era incentivar as pessoas a partilharem e a contactarem umas com as outras.

A aldeia aceitou o desafio, mas com o tempo a taça com o pedaço de massa e o papel foi de mãos em mãos e acabou por sair da aldeia. Ainda hoje o seu destino é desconhecido.

Como já foi referido anteriormente, a sua origem era e continua a ser desconhecida para a população da aldeia. No entanto, existem outras

referências que partilham da mesma premissa, partilhar a massa de um bolo. É o caso do Herman Cake e do Amish Friendship Bread.

O Herman Cake é um bolo alemão, do qual também não se tem informação confiável relativamente à sua origem. Este pressupõe que haja uma preparação e tempo de espera durante 10 dias. A massa final é partilhada com amigos. As principais diferenças entre o Herman e o Bolo da Amizade é o modo de preparação e os ingredientes que fazem parte da receita.

O Amish Friendship Bread é uma versão americana do Herman, que está associado à partilha do fermento com pessoas doentes e necessitados.

Partilhar um pedaço de massa, com o intuito de estimular as relações humanas, é torná-lo portador de um conjunto de memórias. Este pedaço passa a ser único e especial para as pessoas que o possuem.

Ao longo do processo de pesquisa acerca de projectos que pudessem influenciar o desenvolvimento do produto, surgiu o projecto DANKLHAMPELs Sundaycake de DANKLHAMPEL que transmitia uma ideia interessante sobre a partilha de diferentes gostos.

É com base nas premissas anteriormente mencionadas, que se deu início ao desenvolvimento do projecto Bolo da Amizade.

A vontade de assegurar que o contacto e a partilha eram concretizados levou-me a criar um sistema mais ou menos fechado da transmissão de massa, que levasse um conjunto de pessoas a reenviá-la entre si mais do que uma vez. Esta hipótese para além de ser complexa de realizar, não permitia que as pessoas utilizassem o projecto de forma livre e espontânea. Assim sendo, iniciei o desenvolvimento de um projecto onde o ritmo de envio se manteria aberto e que só iria obedecer aos critérios das próprias pessoas.

Em termos práticos, a primeira etapa do desenvolvimento do produto, passou pela aprendizagem em como fazer pão e broa com minha tia e minha avó. Dando-se início a um período de experimentação com diversos tipos de massa.



Imagem 14 - Experiências com vários tipos de massa

Começou-se por fazer misturas dos pedaços de massa de broa e de pão (fermento biológico) com uma base de bolo. Em que posteriormente foi adicionado, por cada membro da minha família nuclear, ingredientes do seu agrado. É de salientar que tanto nesta primeira fase como nas fases seguintes, antes de adicionar os ingredientes do agrado das pessoas é retirado sempre um pedaço de massa já levedada. Este processo chama-se “renovar o fermento” e permite que seja utilizado o pedaço de massa numa próxima fornada como fermento vivo.

As misturas realizadas, nesta primeira fase, não permitiram uma leitura clara do conceito de projecto, porque a conjugação dos vários ingredientes, escolhidos por diferentes pessoas, nem sempre garantiam uma boa conjugação de sabores, provocando resultados confusos, que não tornavam evidente a questão da partilha mas que acentuavam essencialmente questões de personalização do gosto individual.

Durante esta etapa procurou-se, também, compreender as formas de conservação dos pedaços de massa de pão e de broa crua levedada. Recorrendo aos conhecimentos na área da Engenharia Alimentar da

Coordenadora do Mestrado em Biotecnologia dos Recursos Marinhos, Professora Clélia Afonso, foram realizados testes, onde se pôde confirmar que era possível conservar um pedaço de massa durante um período de tempo aceitável, entre 8 a 15 dias, podendo no limite atingir até um mês, desde que o pedaço de massa estivesse tapado num recipiente de vidro, guardado num local seco e escuro. Eventualmente, de forma a aumentar o tempo de vida do fermento, o pedaço de massa pode ser coberto com sal ou farinha. Contudo, de acordo com os testes realizados o sal parece ser eficaz para a conservação da massa, secando-a menos do que a farinha.

Como forma a monitorizar a conservação do fermento foram realizadas apreciações diárias da sua evolução. Se o pedaço de massa crua levedada emitisse cheiros ácidos (avinagrados) ou começasse a formar uma capa seca significava que a massa estaria a deteriorar-se.

Entre os locais escolhidos para realizar as experiências, frigorífico e armário, aquele que permitiu conservar o pedaço de massa por um período mais prolongado foi o frigorífico.

Numa segunda fase, procurou-se tornar o conceito mais claro no projecto.

Em busca da simplicidade e da capacidade de despertar emoções e memórias antigas, optou-se por usar, na base do produto, apenas fermentos e massas de broa, abandonando a base de bolo. O conjunto de ingredientes a adicionar, posteriormente à mistura dos fermentos com os ingredientes necessários para fazer broas, também foi alterado. Novamente de acordo com os gostos dos meus familiares.

No entanto, no grupo de produtos a adicionar à massa, ainda persistiam alguns alimentos processados que contrariavam a simplicidade, a autenticidade e a genuinidade dos sabores que se procurava.



Imagem 15 - Ingredientes utilizados com base nos gostos familiares: chouriço, ovo, chocolate, mel e camarinhas

Na última fase da experimentação optou-se por fazer pequenas bolas de massa a partir da grande bola de massa inicial. Antes de levar as pequenas bolas de massa a cozer, cada pessoa colocava dentro de algumas delas o seu alimento não processado preferido. Deste modo, afastou-se por completo o ruído que camuflava os diversos sabores, na primeira experiência, criando um conjunto de pequenas broas com sabores variados, escolhidos a partir das preferências pessoais de cada uma das pessoas envolvidas.



Imagem 16 - Broa recheada com ovo

Faltava então, pensar sobre o meio através do qual os “fermentos vivos” passariam de pessoa para pessoa sem “morrer”.

Estando sempre presente a ideia de simplicidade, genuinidade e de autenticidade ao longo do processo experimental com as massas, tornou-se evidente que os recipientes que iriam alojar os “fermentos vivos”, também teriam que respeitar essa linha de pensamento. A questão que se colocou nesta fase, foi o facto de as pessoas poderem querer partilhar o fermento com mais do que uma pessoa ao mesmo tempo. Ou quererem guardar para si um pouco desta massa. O que significa que poderia ser necessário mais do que um recipiente.

Desta forma , desenvolveu-se um recipiente que pudesse facilmente ser reproduzido pelas pessoas quando quisessem partilhar a massa com outras.

De forma a manter o sistema de trocas aberto e fácil de reproduzir, recorreu-se à reutilização de diferentes frascos de vidro revestidos a burel de cores naturais para manter o fermento protegido da luz.

As tampas dos frascos foram pintadas com tinta com efeito de ardósia para que a pessoa possa escrever com giz a data da última vez que o fermento foi renovado. A escolha destes materiais foi feita com o intuito de utilizar materiais sugestivos, simples e genuínos.



Imagem 17 - Frasco de fermento vivo

Espera-se que este produto possa ser um estímulo que provoque momentos de contacto e de convívio, quer sejam com a família, amigos ou vizinhos. Quem sabe até, este projecto se possa tornar numa espécie bilhete de boas-vindas entre pessoas que ainda não têm uma relação entre si.

Jóias de Família

A transmissão dos valores familiares é feita mais por comportamentos do que por palavras: o sentido da passagem transgeracional encontra-se sobretudo em comportamentos vividos, mais do que em regras prescritas por adultos. (Sampaio, 2008)

Quando damos a outra pessoa uma jóia com valor sentimental, significa que queremos de alguma forma partilhar um pouco da nossa história. Mantendo vivas recordações sobre nós, no intuito de estabelecer uma relação de proximidade.

Contudo, quando alguém recebe uma jóia com esta carga simbólica, pode retrair-se em utilizá-la. Os motivos podem ser vários, desde o facto de as peças não se enquadrarem no estilo habitualmente utilizado pela pessoa ou porque as peças são demasiado valiosas para serem exibidas. O destino destas peças, torna-se a clausura numa caixa, remetendo-as para o esquecimento.

Luísa Pimentel (2001) em *O Lugar do Idoso na Família: Contextos e Trajectórias* refere que, as pessoas mais velhas sentem e desejam a família como sendo a sua única e verdadeira ligação que as prende à sociedade. É neste sentido que, a partilha deste género de objectos de família, poderá funcionar como elo de ligação entre o universo dos mais velhos para o universo dos mais novos.

No desenvolvimento da linha Jóias de Família procurou-se fazer, numa fase inicial, composições de jóias e bijuterias que pertenciam a mulheres de diferentes gerações, da minha família. A intenção era conseguir ligar as duas pessoas, a que oferece e a que recebe a jóia de família, ao nível das emoções e das memórias que tinham em comum. O ponto essencial era criar um objecto que fizesse a pessoa que o usa sentir a proximidade da outra.





Imagem 18 - Composições

A relevância dada à capacidade de fazer a pessoa sentir que carrega algo de valor para outra pessoa, foi o princípio orientador das soluções desenvolvidas. Acabando por influenciar a escolha de algumas matérias-primas utilizadas.



Imagem 19 - Jóias de Família

Uma das matérias-primas seleccionada foi a cortiça natural, dado que, devido ao seu aspecto visual, temperatura e textura se assemelha à pele humana. A utilização da cortiça levou à criação de peças que suportassem brincos, permitindo à pessoa usar os brincos da outra pessoa, em contacto com a pele sem ser necessário introduzi- los na própria pele. De modo a assegurar uma homogeneidade nas peças em termos de temperatura e textura, optou-se pela utilização de fios em pele.

Em simultâneo, surgiu a ideia de criar um suporte que agarrasse vários fios de várias pessoas ao mesmo tempo. Contudo, pareceu ser uma hipótese frágil de progredir porque não acrescentava nada às composições anteriormente mencionadas, passando-se a desenvolver um suporte em tecido que permitisse colocar no seu interior um fio de valor sentimental, como sendo uma relíquia. Permitindo que a pessoa possa sentir o peso do fio e os seus contornos.



Imagem 20 - Jóia de Família - com cordão de ouro

No entanto, a pesquisa tornou-se ainda mais rica quando a análise dos afectos relativamente às jóias se alargou para outros seios familiares. O entusiasmo das pessoas em mostrar outros tipos de objectos que guardam com carinho dos seus familiares foi tão intenso, que abriu um novo caminho

para a evolução da linha de Jóis de Família, a introdução de pequenas peças de todo o tipo de objectos que pertençam, ou tenham pertencido, a alguém de quem se gosta.



Imagem 21 - Jóis de Família - com peça de um brinco danificado

Com esta linha de produtos procura-se que a pessoa possa “sentir a presença” da outra pessoa, que lhe é querida.

Caixa de Roda

Roussel (1976 como citado em Pimentel, 2001, p.69), afirma que mesmo não sendo condição para a solidariedade, a proximidade facilita não só o contacto como também a interação. Contudo, não se pode ignorar uma realidade que tem vindo a afastar cada vez mais as diferentes gerações. À procura da realização pessoal e de melhores condições de vida, leva a que as famílias se dividam por vários locais, provocando afastamento e diminuindo a regularidade de momentos de encontro entre os seus membros.

Na óptica de incentivar a manutenção das relações fisicamente distantes, desenvolveu-se a Caixa de Roda para facilitar a partilha de produtos entre diferentes gerações.

Caixa de Roda é um nome elucidativo do que se pretende com o produto, levar as pessoas a estabelecerem um círculo de relacionamentos para fazer trocas de coisas que façam ou cultivem. Este círculo poderá ser composto por duas ou mais pessoas. No fundo, pretende-se que esta caixa seja um meio através do qual, a pessoa possa dizer de uma forma especial que se preocupa com a outra, que se lembra dela.

A partir do momento em que as pessoas partilham coisas através desta caixa e criam um ciclo, a própria caixa passa a ser um objecto sem dono definido. Tal como acontece com a tradicional passagem das caixas com as Santas que ainda se pratica em muitos locais do país. A imagem da Santa passa de casa em casa, passando a ser propriedade de quem a recebe. A Santa é propriedade de todos mas só é apropriada por cada pessoa quando esta a recebe em sua casa.

Ao longo do desenvolvimento do projecto, algumas hipóteses ganharam relevo com o intuito de dar visibilidade às coisas que as pessoas queiram colocar dentro da Caixa de Roda, para partilhar. O exterior da caixa passa a não ser relevante mas sim, o interior. Ao abrir a caixa, pretende-se que seja um momento especial de partilha e de proximidade que a pessoa estabelece com a outra através, por exemplo, de cheiros, cores ou sabores que poderão reavivar memórias. Despertando na pessoa que recebe a caixa, a vontade de também partilhar algo de si com a pessoa que lhe enviou um pouco da realidade do seu mundo.

Assim sendo, a caixa não podia ser de um material facilmente descartável, para que a pessoa que a recebeu se sinta motivada em reenviá-la, repleta de coisas, para a pessoa que a enviou em primeiro lugar.

A pensar nestas questões, surgiu a oportunidade de trabalhar com o Senhor Joaquim de 82 anos, o último funileiro das Caldas da Rainha. Os seus longos anos de experiência como funileiro ditaram a escolha do metal, os tipos de tampas e acabamentos das várias caixas que foram desenhadas para que ele construísse.



Imagem 22 - Sr. Joaquim com a Caixa de Roda

A pensar no facto das pessoas quererem escrever uma mensagem sempre que enviam algo a outra pessoa, escolheu-se numa primeira fase a utilização de tinta com efeito de ardósia para pintar o interior da caixa, permitindo que, sempre que a caixa fosse enviada, a pessoa pudesse escrever com giz uma mensagem para a outra pessoa. Numa segunda fase, de forma a proteger os produtos que são transportados no interior da caixa, optou-se pela criação de um forro interior revestido a burel.

O envio desta caixa poderá ser realizado, novamente, de acordo com os recursos de cada pessoa. Podendo ser feito, por exemplo, através de um amigo ou familiar que por acaso passe no local de entrega ou utilizando o serviço dos correios.

A partilha de, coisas feitas ou cultivadas pelas pessoas ou até mesmo objectos guardados, através da Caixa de Roda é realizada de acordo com



Imagem 23 - Caixa de Roda

os gostos, recursos, capacidades e ritmos do remetente e do destinatário. E, desde que haja motivação de ambas as partes, o envio da caixa pode-se tornar num sistema circular, que pode manter uma ligação regular entre duas pessoas, duas famílias nucleares ou até mesmo entre grupos de amigos, que tentam manter uma ligação de proximidade emocional mesmo que a distância física as separe.

De forma a compreender que tipo de utilização as pessoas fariam deste projecto, foi enviada uma Caixa de Roda para uma habitante da aldeia Moita da Roda pedindo-lhe que o projecto se mantivesse vivo. Entre cada envio, os participantes neste teste fotografam o conteúdo da caixa e entregam-me as fotografias.



Imagem 24 - Caixa de Roda (Cristiana para Luciana)



Imagem 25 - Caixa de Roda (Luciana para Ana)



Imagem 26 - Caixa de Roda (Ana para Dina)



Imagem 27 - Caixa de Roda (Dina para Avó Maria)

Resultados

Bolo da Amizade









Imagem 28 - Preparação do Bolo da Amizade



Imagem 29 - Broa recheada com: ovo, rúcula, agrião, passas de uva e noz



Imagem 30 - Frascos dos diferentes fermentos vivos (cada fermento tem como base um tipo diferente de farinha: trigo, milho e centeio)

Jóias de Família



Imagem 31 - Jóia de Família - com brinco



Imagem 32 - Jóia de Família - com brinco de ouro



Imagem 33 - Jóia de Família - com brinco



Imagem 34 - Jóia de Família - com peça de brinco danificado



Imagem 35 - Jóia de Família - com botão de punho



Imagem 36 - Jóia de Família - com cordão de ouro



Imagem 37 - Jóia de Família - com colar de pérolas

Caixa de Roda



Imagem 38 - Caixa de Roda pintada com tinta de efeito de ardósia



Imagem 39 - Caixa de Roda com forro de burel



Imagem 40 - Caixa de Roda



Imagem 41 - Caixa de Roda

Conclusões

Conclusões Finais

Os produtos apresentados são uma tentativa de manter a genuinidade e a espontaneidade das relações intergeracionais estabelecidas principalmente no seio familiar e de amizade. Através da partilha de produtos, memórias, experiências e conhecimentos pessoais, estes projectos podem ganhar uma nova dimensão na esfera emocional.

No entanto, esta valorização não passa do segundo plano. Em primeiro deverá estar a valorização do que é partilhado. Como tal, os produtos desenvolvidos procuram despertar e estimular o contacto entre as pessoas sem ofuscar aquilo que realmente transporta valor emocional, os produtos partilhados.

Os projectos só estão completos a partir do momento em que são possuídos. As suas identidades são enriquecidas com manifestações próprias de cada pessoa, o que os torna únicos e especiais. Pois, respeitam o ritmo, os recursos, as capacidades e as preferências de cada interveniente.

No fundo, são meios de transporte e de transmissão de valores, sentimentos e escolhas realizadas a pensar na outra pessoa.

Em suma, estes projectos quando vividos poderão ser espelho de relações humanas, emocionalmente mais próximas.

Desenvolvimentos Futuros

A importância dos projectos desenvolvidos reflecte-se na capacidade de tentarem promover a ideia de partilha e de troca, de ritmo e de manutenção das relações através do contacto, permitindo que se desenvolva e estimule uma continuidade emocional entre as pessoas. É esta importância que futuramente poderá ser transferida para contextos em que as relações intergeracionais familiares e de amizade se encontram frágeis e degradadas.

Considero que o principal desafio futuro destes projectos passa por fazer chegá-los a comunidades cada vez mais alargadas de pessoas. O que obrigará a encontrar um modelo de propagação espontânea que não tenha necessariamente de passar pela comercialização.

Numa última fase deste projecto, a visita a outras casas fez-me perceber a riqueza emocional e histórica que as famílias guardam através dos objectos dos seus familiares mais velhos. Objectos, simples e antigos, com uma história para contar que passa de geração em geração. Guardados devido à sua delicadeza ou escondidos porque se tornaram obsoletos ou porque passaram de moda. Transportam o real valor pela qual as pessoas se apegam aos objectos e os guardam, uma história, um conhecimento, os afectos, as recordações e emoções. Esta breve abordagem a outro género de objectos familiares, poderá ser mais um ponto de interesse a desenvolver futuramente como elo de aproximação entre pessoas.





Imagem 42 - Objectos antigos de várias famílias residentes na aldeia da Moita da Roda

Referências Bibliográficas

Dorfles, G. *Novos Ritos, Novos Mitos*. (A. J. Pinto Ribeiro, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1965).

Fernandes, A. (1997). *Velhice e Sociedade: Demografia, Família e Políticas Sociais em Portugal*. (1ª Edição). Oeiras: Celta Editora.

Oliveira, B. (2010). *Psicologia do Envelhecimento e do Idoso*. (4ª Edição). Porto: Legis Editora.

Pimentel, L. (2001). *O Lugar do Idoso na Família: Contextos e Trajectórias*. Coimbra: Quarteto Editora.

Sampaio, D. (2008). *A Razão dos Avós*. (6ª Edição). Caminho.

Outras Referências

Carvalho, V. (2011). *AS EMOÇÕES*. Recuperado em 9 de Setembro, 2013, de <http://www.slideshare.net/VitorCarvalho1/as-emoes>

Magalhães, C. P., Antão, C., Anes, E., Fernandes, A. (2009). *Idadismo*. SevenProf.

Nunes, L. (2009). *Promoção do Bem-Estar Subjectivo dos Idosos através da Intergeracionalidade*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal.

Paúl, C. (2007). *GeroPsicologia Ambiental e Vulnerabilidade da pessoa Idosa: Envelhecimento Activo – OMS/ONU*. Porto: ICBAS – Universidade do Porto, UNIFAI. Recuperado em 22 Maio, 2012, de

www.rutis.pt/documentos/conteudos/EnvelhecimentoActivoConstPaul.pdf

Peters, N. (2013). Neighbors: A Blessed Burden. Kinfolk Magazine. Recuperado em 13 de Novembro, 2013, de <http://www.kinfolk.com/neighbors-a-blessed-burden/>

Portes, A. (2000). Capital Social e Aplicações na Sociedade Contemporânea. Recuperado em 6 de Novembro, 2013, de <http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/spp/n33/n33a06.pdf>

Senellart, P. (2011). O envelhecimento biológico: Envelhecimento e longevidade. Recuperado em 11 Julho, 2012, de <http://pierre.senellart.com/travaux/divers/vieillessement.pt>

Bibliografia Consultada

Alarcão, M. (2000). (Des)Equilíbrios familiares: uma visão sistémica. (1ª Edição). Coimbra: Quarteto Editora.

Andrade, F. (2002). Uma experiência de solidariedade entre gerações. (1ª Edição). Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Baudrillard, J. (1995). Para uma Crítica da Economia Política do Signo. (A. Alves, Trad.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1972).

Institution, S. (2007). Design for the Other 90%. New York: Cooper-Hewitt, National Design Museum.

Mau, B. (2004). Massive Change. Phaidon

Norman, Donald A. (2004). Emotional Design: Why we love (or hate) everyday things. Nova York: Basic Books.

Rodrigues, A., Assmar, E., Jablonski, B. (1993). Psicologia Social. (23ª

Edição). Petrópolis, RJ: Editora Vozes.

Vogelzang, M. (2010). Eat Love. Amsterdam: BIS Publishers.

Zal, Michael H. (1993). A Geração Sanduíche: Entre Filhos Adolescentes e Pais Idosos. (I. Delgado, Trad.). Lisboa: Difusão Cultural. (Obra original publicada em 1992).

Índice de Imagens

Imagem 1 - *Projecto TIO*, 1999

Fonte: <http://www.projectotio.net/>

Imagem 2 - *DANKLHAMPEL, How much less is more?*, 2009

Fonte: <http://www.danklhampel.com/selected-projects/exhibition-design/how-much-less-is-more/>

Imagem 3 - *DANKLHAMPELs Sundaycake*, 2009

Fonte: <http://www.lisaelenahampel.at/projects/sonntagskuchen/>

Imagem 4 - *Felicitário*, 2013

Fonte: <http://felicitario.encontrarse.pt/>

Imagem 5 - *Neighbors: A Blessed Burden*, 2013

Fonte: <http://www.kinfolk.com/neighbors-a-blessed-burden/>

Imagem 6 - *Issue 2*, 2013

Fonte: <http://www.kinfolk.com/galleries/gallery/2/>

Imagem 7 - Família materna (1995). Nasceram mais 5 crianças após o casamento do meu tio.

Fonte: Álbum de fotografias dos meus pais

Imagem 8 - Representação gráfica dos encontros familiares, em que se procurou registar a frequência e número de pessoas em cada encontro.

Cada ponto representa uma pessoa e cada conjunto de pontos um encontro familiar.

Imagem 9 - Reunião da família num almoço de domingo (meus avós - azul; minha família nuclear - laranja; família do meu tio Manuel - verde; família do meu tio Amilcar - roxo)

Representações gráficas

Imagem 10 - Metro de cerveja que consiste num conjunto de cervejas 10, habitualmente vendido durante as festas, com o objectivo de ser partilhado

Imagem 11 - Almoço convívio de Natal, 2011

Imagem 12 - Magusto, 2012

Imagem 13 - Festas Moita da Roda, 2011

Autores desconhecidos

Imagem 14 - Experiências com vários tipos de massa

- Imagem 15 - Ingredientes utilizados com base nos gostos familiares: chouriço, ovo, chocolate, mel e camarinhas
- Imagem 16 - Broa recheada com ovo
- Imagem 17 - Frasco de fermento vivo
- Imagem 18 - Composições
- Imagem 19 - Jóias de Família
- Imagem 20 - Jóia de Família - com cordão de ouro
- Imagem 21 - Jóias de Família - com peça de um brinco danificado
- Imagem 22 - Sr. Joaquim com a caixa de roda
- Imagem 23 - Caixa de Roda
- Imagem 24 - Caixa de Roda (Cristiana para Luciana)
- Imagem 25 - Caixa de Roda (Luciana para Ana)
- Imagem 26 - Caixa de Roda (Ana para Dina)
- Imagem 27 - Caixa de Roda (Dina para Avó Maria)
- Imagem 28 - Preparação do Bolo da Amizade
- Imagem 29 - Broa recheada com: ovo, rúcula, agrião, passas de uva e noz
- Imagem 30 - Frascos dos diferentes fermentos vivos (cada fermento tem como base um tipo diferente de farinha: trigo, milho e centeio)
- Imagem 31 - Jóia de Família - com brinco
- Imagem 32 - Jóia de Família - com brinco de ouro
- Imagem 33 - Jóia de Família - com brinco
- Imagem 34 - Jóia de Família - com peça de brinco danificado
- Imagem 35 - Jóia de Família - com botão de punho
- Imagem 36 - Jóia de Família - com cordão de ouro
- Imagem 37 - Jóia de Família - com colar de pérolas
- Imagem 38 - Caixa de Roda pintada com tinta de efeito de ardósia
- Imagem 39 - Caixa de Roda com forro de burel
- Imagem 40 - Caixa de Roda
- Imagem 41 - Caixa de Roda
- Imagem 42 - Objectos antigos de várias famílias residentes na aldeia da Moita da Roda

Fotografias realizadas em casa de residentes da Moita da Roda